Curitiba, Comunidade e Meninos(as) de Rua. Uma Proposta de Educação Sexual

5

Maria Eliane Lutfi¹

1 - INTRODUÇÃO

Dentro da História da humanidade, sabemos que existem dois sexos, que são anatomicamente diferentes, possuem características psicológicas opostas e tendências de personalidade divergentes.

Independentemente de raça, cor, nível social e intelectual, todos os seres humanos passam pelas etapas evolutivas da vida. Embora o meio em que vivem tenha grandes predicados de interferência a nível pessoal.

A adolescência é um momento importante na vida de qualquer pessoa, assim como a sexualidade. O que às vezes parece uma busca de atividade sexual precoce muitas vezes é uma busca de amor, de acalanto, de rebelião ou de ressentimento.

Os menores de rua iniciam a sua vida sexual muito cedo, às vezes por sobrevivência, ou por violência, estupros, carências e tantas outras razões...

Esta síntese de monografia relata a realidade brasileira no que se refere aos meninos e meninas de rua; mostra o que acontece em Curitiba bem como os programas existentes que atendem a esta clientela; aprofunda-se num trabalho de comunidade onde há a participação de meninos e meninas de rua, e apresenta uma proposta de educação sexual.

1. Psicóloga clínica.
Recebido em 24.08.92

II - O BRASIL, A CRIANÇA E O ADOLESCENTE DE RUA

A falta de informação sobre a real história dos meninos e meninas de rua tem levado a sociedade a questionar-lhes o comportamento e a exigir-lhes uma conduta diferente. Apesar de estudos referentes a essa realidade, é difícil detectar as reais causas deste momento social, o entendimento dos motivos que levam os meninos e meninas de rua a fazerem esta opção de vida: viver nas ruas, comer nos lixos, arriscar a vida, roubar, matar, prostituir-se etc.

Ao entrar em contato com meninos e meninas de rua, percebe-se que o seu grande sonho é ter uma vida digna, casa, alimentação, educação, saúde e lazer, e poder contar com um pai, uma mãe, irmãos, uma família a seu lado para compartilhar o seu dia a dia, crescendo e amadurecendo dentro de um ambiente saudável.

O que essas crianças conhecem é um barraco na periferia, uma mãe impaciente ou submissa, marcada pelo sofrimento, um pai desconhecido ou violento, uma vida destruída, uma vida sem esperança.

Todos os seres humanos refletem as suas experiências de vida. A criança vai formando a sua personalidade de acordo com a realidade em que vive: a amada e desejada se fortalece de amor e prepara-se para enfrentar a vida, luta pelo seu ideal; aquela que é rejeitada e abandonada se fortalece de dor e ódio, prepara-se para enfrentar o mundo e sobreviver cheia de carência e abandono, formando uma escala de sofrimento, o que a leva a desenvolver comportamentos inadequados.

Não se pode esquecer de que esta criança nasceu como outra qualquer e quem a modificou foi o meio. Cresceu na miséria e na dor do seu "lar"; em decorrência disso, fugiu para as ruas, para ser usada, viciada e violentada.

Muitas idéias existem para resolver o problema: projetos, discussões, polêmicas e debates. Mas pouco se tem feito, porque é preciso interesse, renúncia, honestidade e trabalho.

O problema cresce assustadoramente. Um exemplo é o caso da prostituição de meninas que buscam a sobrevivência nas ruas e bordéis.

A miséria econômica expulsa-as para as ruas, além das sevícias, estupro e incestos ocasionados pelos pais, padrastos e outros familiares, formas encontradas para levar as meninas a buscarem "trabalho".

Hoje, no Brasil, está constatado que a prostituição inicia-se na faixa etária de mais ou menos oito anos. As mães chegam a vender a virgindade das filhas para os mercadores de garimpo localizado na região do Pará. Essas meninas são simples crianças, que chegam a "trocar" a sua virgindade por uma boneca. Outro fato: uma jovem de apenas quinze anos de idade teve 5 18 relações sexuais no período de um mês. Assim como estes dois exemplos, existem muitos outros que acontecem dentro do Brasil.

São tantas as formas de expulsar as meninas para as ruas, são tantas as formas de alimentar as suas fantasias, são tantas as formas de humilhação e de abandono, que acabam saindo para ganhar o seu próprio dinheiro e “sonham” encontrar uma vida melhor. Todos esses fatores concorrem para que exista uma “deformação” no seu campo psicológico e sexual.

Em relação ao menino, parte-se do pressuposto de que, quando faz a “opção” pela rua, tem que aprender a se defender apanhando, pois irá apanhar muito dos outros na rua.

O “grupo social” ensina o novo membro como se defender, porque a triste realidade é que este menor vai mesmo apanhar muito: dos policiais, dos integrantes de outras gangues, dos lojistas que o pegarem furtando, dos adultos marginais que exploram os menores de rua etc.

Sendo assim, no prazo de muito pouco tempo, o menino de rua está envolvido com outros, formando gangues dos grupos afins. Nesse submundo começam a rolar drogas das mais variadas possíveis, envolvimento em roubos, assaltos etc.

Essas são as formas encontradas pelos meninos para se garantir quanto à fome, sustento dos familiares e muitas vezes do seu próprio vício.

Neste vaivém de dificuldades e frustrações, eles são explorados e aprendem a explorar, estão sempre em estado de alerta, lidando no seu dia a dia com a fome, com o medo e com a morte.

III - CURITIBA E A RUA

Nas ruas de Curitiba, crianças e adolescentes empobrecidos e marginalizados mostram rostos do Brasil. Embora existam tentativas do poder público em minimizar o problema, as gangues de menores abandonados e delinquentes são engrossadas a cada dia.

Uma pesquisa feita em 1991 pelo IPPUC e pela Secretaria do Menor abordou nas ruas do centro de Curitiba 518 crianças e adolescentes: 199 crianças esmolavam e trabalhavam em atividades informais, 101 apenas esmolavam e 218 perambulavam pelas ruas.

1. Meninos que dormiam nas ruas	177
Meninas que dormiam nas ruas	<u>57</u>
	234
2. Meninos que dormiam nas ruas	70
Meninas que dormiam nas ruas	<u>29</u>
	99
3. Meninos que não dormiam nas ruas	156
Meninas que não dormiam nas ruas	<u>42</u>
	191
Total: 531 menores de rua.	

Em 1992, nova pesquisa foi feita, só que não se sabe até que ponto é fidedigna, porque nesta época a repressão da Guarda Municipal estava bem acentuada. Foram entrevistados 236 menores de rua. Destes, 189 dormem na rua, sendo que 132 dormem nas ruas todos os dias e 56 às vezes.

Esses menores são advindos de famílias residentes na periferia da cidade e na Região Metropolitana de Curitiba. Na maioria, essas moradias são favelas com mais ou menos oito pessoas em cada barraco. As suas vidas têm condições paupérrimas, e no desejo de melhorar a condição de vida ou ao menos de conseguir sobreviver, as pessoas usam de todas as artimanhas imagináveis.

Os menores de rua, na faixa etária de mais ou menos cinco a sete anos de idade, começam a sair às ruas em busca de rendimentos, de dinheiro ou em contatos que os ajudem na sobrevivência: esmolar, vender doces e pequenos artigos.

Com essas idas e vindas, começam os desvínculos familiares, lentamente vão se afastando de casa, descobrindo um outro mundo na rua, e essa autonomia leva, finalmente, ao abandono do lar.

Diante dessa problemática, a Prefeitura Municipal de Curitiba, o governo e uma comunidade desenvolvem trabalhos com o intuito de melhorar a situação.

A Prefeitura atende a crianças de zero a dezessete anos, cujas famílias são de baixa renda, através de diferentes programas. O objetivo do atendimento é preparar essas crianças e adolescentes para a vida do trabalho e para o exercício da cidadania.

O programa específico para menino(a) de rua é o "Projeto Piá", que atende à faixa etária de sete a dezessete anos. Este programa acontece nos bairros, com o intuito de evitar o deslocamento das crianças e adolescentes para o centro da cidade em busca de alternativas de sobrevivência.

Existe, também, "A Casa do Piá", que dá atendimento aos meninos(as) de rua de Curitiba, cujo objetivo é intervir entre crianças e adolescentes que vivem na rua, no sentido de resgatar seu direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoa humana, dando-lhes condições de abrigo, saúde e educação, em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A nível de Estado, existe a ASSOMA, que tem como meta contribuir para a educação dos meninos e meninas de rua de Curitiba, dentro de um programa de educação para o trabalho através de oficinas.

O único trabalho no Paraná de iniciativa comunitária observado e publicado pela UNICEF é o da Comunidade Profeta Elias, que está localizada na periferia da cidade de Curitiba.

Essa comunidade teve o seu início com favelas e lixo despejado de empresas que serviam de alimento para muitos moradores. Com a união dos moradores e alguns líderes, a comunidade foi conseguindo se fortalecer e ter uma identidade forte, enquanto movimento popular.

Hoje, a comunidade conta com uma Associação de Moradores e com educadores saídos da própria comunidade que ministram cursos de cabeleireiro, datilografia, manicure e pedicure, serigrafia, artesanato, marcenaria, atendendo aproximadamente a duzentas crianças e adolescentes na faixa etária de seis a dezoito anos.

Em função de uma proposta mais concreta, o grupo de educadores adquiriu uma chácara próxima a Curitiba objetivando proporcionar aos meninos e meninas carentes e, principalmente, aos de rua na idade de seis a dezessete anos um regime de abrigo, assistência globalizante, em local semelhante a um lar.

Tanto as crianças e adolescentes como os pais substitutos serão selecionados pela equipe de técnicos voluntários que assessoram a Fundação Educacional de Meninos(as) de Rua Profeta Elias.

O objetivo geral da Comunidade Profeta Elias é resgatar a cidadania das crianças e adolescentes, através de um processo pedagógico-educativo comunitário, dentro de um trabalho preventivo, evitando assim que estes menores saiam para as ruas. A fundamentação pedagógica é baseada em Paulo Freire e Freinet. Busca-se uma nova forma de organização da estrutura educacional, vivenciando um processo educativo comprometido com a criança e o meio em que vive, respeitando a individualidade e o senso de grupo, isto é, a autonomia, a cooperação, a solidariedade, o estímulo, a iniciativa, a busca de conhecimento individual e grupal, a autoconfiança, a criatividade, o desenvolvimento da sensibilidade, a percepção, a compreensão e a expressão.

Nos programas que atendem a meninos(as) de rua em Curitiba, nenhum possui educação sexual. O que existe é a organização de algumas palestras sobre os temas mais ligados à reprodução humana.

Foi daí que surgiu o interesse de montar uma proposta de educação sexual.

IV - UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A COMUNIDADE PROFETA ELIAS E MENINOS(AS) DE RUA

Pressupostos teóricos

Desde o momento em que nascemos, a sexualidade está ligada a nossa identidade.

Em todo a qualquer ambiente em que se vive, a sexualidade se torna presente, seguida de questionamentos, curiosidades e interesses, porque faz parte do desenvolvimento do indivíduo.

O despreparo, muitas vezes, angustia a quem é questionado e frustra o questionador; um, porque sentiu dificuldades em responder e o outro, porque ficou sem entender e aprender.

Nos contatos feitos com os jovens e educadores da Comunidade Profeta Elias, percebe-se a carência de um programa de educação sexual, uma vez que inexistente qualquer tipo de assessoramento ou de atendimento nesse sentido.

Os problemas são grandes e os mais diversos no tocante à sexualidade; por isso, esta proposta foi encaminhada partindo dos pontos mais básicos.

Como todo e qualquer adolescente, os jovens da comunidade precisam conhecer o próprio corpo, seu funcionamento e suas funções. Saber que a vida não pode e nem deve ser totalmente isenta de ansiedade, de frustração ou de conflitos nem de alegria e amor. Essas experiências fazem parte da condição humana assim como o desenvolvimento sexual.

O trabalho desenvolvido na comunidade é de cunho preventivo. Existem famílias bastante carentes e, às vezes, os riscos de estupro e de violências sexuais estão presentes como também a própria descoberta da autonomia do adolescente, que faz parte do seu desenvolvimento e que o leva a optar por sua vida.

A realidade social e sexual das meninas está ligada à forma que estas chegam às ruas. Começam a se relacionar com a rua em busca de "trabalho", há o interesse por uma vida mais digna, sem muitas vezes estar cientes dos perigos que estão correndo.

Um dos pontos a serem desenvolvidos neste programa de educação sexual são as questões referentes à autovalorização, à auto-estima e à autoconfiança, é preciso antes de mais nada trabalhar a visão de mundo, a inversão de valores e não apenas a reprodução humana.

Os problemas existentes são tabus e mitos quanto à sexualidade, despreparo para enfrentar a sua própria sexualidade, vida sexual precoce, uma gravidez inoportuna, alguns casos de ingestão de "chá" e "garrafadas" para provocar abortos, casos esporádicos de doenças sexualmente transmissíveis (sífilis e gonorréia). Não existe procura do médico para problemas de ordem sexual e somente um caso de homossexualismo assumido.

Todas essas questões precisam ser trabalhadas, principalmente porque o grupo entrevistado é o que está mais envolvido com a proposta. Os demais não quiseram ser entrevistados e os(as) meninos(as) de rua que freqüentam a comunidade não comparecem com assiduidade ao local. Só vão à comunidade quando existem programas do seu interesse ou por problemas e dificuldades pessoais. Esse é o momento em que a comunidade atua para resgatar a cidadania destes menores.

Conforme afirmou o Coordenador da Fundação Educacional de Meninos e Meninas de Rua da Profeta Elias, os tópicos citados

acima são reais e também difíceis de trabalhar devido à falta de preparo dos que atuam diretamente com essa clientela.

Encaminhamento metodológico

Eixos: busca de identidade, modificações ocorridas na puberdade e adolescência e reprodução humana (conteúdos essenciais).

Os eixos norteadores propostos devem criar oportunidade para a apropriação do conteúdo numa perspectiva de totalidade, ou seja, desenvolver o trabalho com os conceitos fundamentais a suas inter-relações.

Os eixos propostos são os seguintes:

1. Busca de identidade.
2. Modificações ocorridas na puberdade e adolescência.
3. Reprodução humana.

Os conteúdos devem possibilitar os descobrimentos das relações dentro de um mesmo eixo e com os demais eixos, permitindo formar-se um encadeamento do conteúdo, na perspectiva mais abrangente da realidade, não só relacionada à reprodução humana, mas estabelecer relações com as modificações ocorridas, os fatores que ocasionam estas modificações e os comportamentos que estão associados a toda essa etapa evolutiva do ser humano, que é a adolescência.

O entendimento e a sistematização desse conhecimento constituem o propósito da educação sexual, que deve ser um meio para que os educadores e jovens da comunidade compreendam de forma crítica as inter-relações entre a busca de identidade, as modificações ocorridas na puberdade e adolescência e os fatores que se relacionam com a reprodução humana.

Para explicar o critério a ser adotado para a seleção de conteúdos da educação sexual, devemos ter pressupostos dos quais, a princípio, alguns indicativos podem ser levantados:

- Explicitação do dinamismo das transformações ocorridas na adolescência, com o objetivo de levar o jovem a ter uma melhor percepção de si mesmo e possa entender melhor as relações estabelecidas com a família, com os companheiros e com a sua própria sexualidade.

- Mostrar que a busca de identidade ocorre com todas as pessoas. Na adolescência, ela aparece seguida de diferentes reações, como auto-afirmação, auto-imagem, auto-estima etc.

- A inversão de valores, muito comum no mundo jovem, acaba angustiando e levando o adolescente a praticar atos para os quais ainda não está maduro, como, por exemplo: “Se eu não *ficar* na festa com algum menino, eu vou *queimar* a cara”. “Já estou com dezesseis anos e ainda sou *virgem*, *sou* taxada pelo meu grupo de ‘carena’ “.

- Possibilitar aos jovens um melhor conhecimento do seu próprio corpo, fazendo-os compreender de forma clara e objetiva como é o funcionamento da reprodução humana.
- Organizar essa prática através dos eixos norteadores que sustentam a direção, a articulação e a avaliação dos mesmos.

Conteúdos

I - BUSCA DE IDENTIDADE:

1. Percepção de si mesmo:
 - Quem eu sou?
 - O que eu quero pra mim?
2. Reações comportamentais:
 - Auto-afirmação.
 - Auto-imagem.
 - Auto-estima.

II - MODIFICAÇÕES OCORRIDAS NA PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA:

- Relação com os pais.
- Relação com os companheiros.
- Relação com a sua própria sexualidade.
- Relação com o sexo oposto: namoro, "ficar", beijo, intimidades sexuais.

III - REPRODUÇÃO HUMANA:

- Aparelho reprodutor feminino.
- Aparelho reprodutor masculino.
- Fecundação, gestação.
- Parto normal e cesariana.
- Gravidez inoportuna.
- Mitos, tabus e crendices.
- Doenças sexualmente transmissíveis.
- AIDS.
- Anticoncepcionais.

Recursos

- Dinâmicas de grupo
- Aula expositiva, slides, projetor de slides, transparências, retroprojetor
- Vídeo-cassete e filmes
- Gravador
- Música
- Quadro-de-giz
- Dramatizações
- Barro

Avaliação

A caracterização da avaliação está associada ao conteúdo, numa perspectiva interacionista. Deve ser trabalhado e desenvolvido, levando-se em conta a sua realidade dinâmica. É um processo em que se objetiva explicitar o grau de compreensão da realidade. Isso se dará através das dinâmicas de grupo, exercícios escritos, dramatizações, modelagem com barro etc.

As avaliações deverão ser feitas de forma contínua e também com o coordenador do movimento Fernando Francisco Góis, que é o líder do grupo e a pessoa que centralize as problemáticas existentes.

Dificuldades prováveis

Depois de ministrado o encontro, podem ocorrer as dificuldades de encaminhamento, devido ao fato de a comunidade não contar com psicólogo nem com médico.

Existe apenas um posto médico destinado a atender os moradores da região com "problemas de saúde". Há necessidade de se fazer contatos e verificar os possíveis locais para onde os jovens com dúvidas ou problemas de ordem sexual serão encaminhados.

CONCLUSÃO

A realidade brasileira em relação ao menor de rua é alarmante. Existem políticas básicas para atender às populações mais pobres, que são rotuladas de políticas sociais e que, na verdade, não chegam a ocupar um papel de destaque e veracidade nos planos do governo, nas dotações orçamentárias, nem trabalham no sentido de diminuir as desigualdades sociais existentes.

Se formos consultar os anais da História, iremos nos deparar com situações referentes a crianças desassistidas. Um exemplo, em 1693, o rei de Portugal e Brasil, D. Pedro II, lembrou ao governo da Capitania do Rio de Janeiro que se a caridade não socorra as crianças, devia-se criar um imposto com essa finalidade. Entretanto, nada de mais consistente ocorreu. Hoje a situação continua. Sabe-se que as crianças oriundas das famílias de classes populares são sempre mal alimentadas e não contam com a família para ajudá-las em suas necessidades psicoafetivas e intelectuais; têm que lutar para sobreviver.

A infância, a adolescência, a busca de identidade são pontos comuns no ser humano, independentemente de nível social. É óbvio

que existem diferenças na formação de jovem de rua e naquele que possui uma família. Na busca de um local para desenvolver o tema escolhido para minha monografia, procurei conhecer um pouco a realidade brasileira e a realidade de Curitiba sobre meninos(as) de rua como também fazer um estudo sobre a psicologia da personalidade e sobre o desenvolvimento sexual baseado em Freud, Kolodny, Masters e Johnson, Kaplan e outros.

De todos os locais pesquisados que desenvolvem trabalhos com meninos e meninas de rua, resolvi optar pela Comunidade Profeta Elias, por ter um líder que luta, interagindo integralmente com as crianças e adolescentes. Conta com dez educadores que deixam as suas famílias para atender às mais diferentes opções profissionalizantes; acolhem os menores de rua a fim de auxiliar no resgate da sua cidadania.

A comunidade necessita de um programa de educação sexual, uma vez que os seus educadores não se sentem preparados para desenvolver essa proposta e existe o interesse dos jovens em aprender e entender mais a sua sexualidade e adolescência.

Veio, então, o questionamento:

- Será que teria sentido desenvolver uma proposta de educação sexual para esta clientela?

Minha resposta foi: "Claro que sim, será compensador e um grande desafio a ser enfrentado".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABERASTURY, A. & coil. *Adolescência*. Buenos Aires, Kargiemam, 1979.
2. BRASIL, Ministério da Ação Social. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, Lei Federal nº 8.069/90.
3. BARROS, G. S. C. *Pontos de Psicologia Geral*. São Paulo, Ática, 1992.
4. FAUSTO, A.; CERVINI, R. UNICEF. *O Trabalho e a Rua. Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos Anos 80*. São Paulo, Cortez, 1992.
5. COSTA, A. C. G. Ministério da Ação Social. CBIA [s.d.].
6. _____. Por uma Pedagogia da Presença. Ministério da Ação Social. CBIA, 1991.
7. _____. *Aventura Pedagógica*. Caminhos e descaminhos de uma ação educativa. Columbia Editorial, 1990.
8. _____. *De Menor a Cidadão*. Ministério da Ação Social. CBIA. Brasília.
9. CURTIBA. Prefeitura Municipal. *IPPUC. Programas para o Atendimento às Crianças e Adolescentes*. Março, 1992.

10. CENTRO Brasileiro para a Infância e Adolescência. Ministério da Ação Social. *Meninas*. Brasília, 1990.
11. CURITIBA. IPPUC. *A Escola na Problemática dos Meninos de Rua*. 1987.
12. DREXEL, J. & LANNONE, L. R. *Criança e Miséria. Vida ou Morte? São Paulo*, Moderna, 1991.
13. DIMENSTEIN, G. *A Guerra dos Meninos*. 6ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1991.
14. _____. *Meninas da Noite*. São Paulo, Ática, 1992.
15. ESTATUTO da Criança e do Adolescente. Lei Federal nº 8.069/13.07. 1990. Constituição e Legislação relacionada.
16. FALEIROS, V. *A Fabricação do Menor*. Centro de formação a apoio de educadores. Campinas, São Paulo, 1991.
17. FREIRE, P. & educadores de rua: Uma abordagem crítica. *Projetos Alternativos de Atendimento a Meninos de Rua*. UNICEF SAS/FUN-ABEM.
18. GUERRA, A. Ministro. *O Combate à Violência contra Crianças e Adolescentes do Brasil Hoje*. 1991.
19. KAPLAN, H. *Enciclopédia Básica de Educação Sexual*. Rio de Janeiro, Record, 1983.
20. KOLODNYC, R.; MASTER & JOHNSON. *Manual de Medicina Sexual*. São Paulo, Manole, 1982.
21. MONEY, J.; TUCHÓ, P. *Os Papéis Sexuais*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
22. MULHER de rua/mulher. *O Que Fazer?* Brasília, 1991.
23. MENINOS e meninas do futuro: *Como Curitiba Cuida das Crianças e Adolescentes*. 1991.
24. MATARAZZO, M. H. & MANZIN, R. *Educação Sexual nas Escolas*. São Paulo, Edições Paulinas, 1988.
25. MURALHA, S. *As Crianças sem Ano Internacional*. Curitiba, 1979.
26. O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PERSPECTIVA DE MASLOW E O PROCESSO CRIATIVO DE ADULTOS. Dissertação para obtenção do título de mestre em Educação na UFPR. Tânia Scholtz SCHELDER, 1992.
27. REVISTA PANORAMA. Meninos de rua. *Quem tem medo da verdade nua e crua?* Fanele BARCELOS, Sumam GAERTNER, Lira HERBERT, 1991.
28. REVISTA TEMPO E PRESENÇA-publicação do CEDI-Número 258, ano 13, págs. 6-12.
29. REVISTA MOVIMENTO JOVEM. Novembro, 1991. Fevereiro, 1992.
30. TEXTO BASE: Campanha da Fraternidade de 1987. CNBB. *Quem acolhe o menor a mim acolhe*.
31. VASCONCELOS, A. *SOS Meninas*. Recife, CEPPE, 1990.